

Em tempos carrancudos para a cultura é um conforto ouvir Voo Livre. Desde a capa, com a tirada sagaz das espirais de casca de laranja, o segundo disco de Paulo Domingues encontra ressonância nos corações que ainda acreditam que uma cidade capenga, desenganada, carcomida pelo medo, pode ser curada, de dentro pra fora, pelos anticorpos da vivência. Um novo canto que contempla uma imensa minoria de almas corajosas que pensam o Rio de Janeiro e a vida na dimensão do afeto e do cotidiano poético.

Quem conhece os mistérios e as ruínas do velho Recôncavo da Guanabara, ao ouvir essas dez faixas, consegue imaginar um rolê (rolê é pros paulistas) de Campo Grande a Praça da Bandeira, passando pela mureta da Urca pra um chope gelado ao cair da tarde. Mesmo quando não fala expressamente sobre a cidade, Voo Livre, por vocação e intuição, se revela um sensível inventário das irrelevâncias cariocas: paisagens, amores, aflições e perrengues que encontram, sabe-se lá como, cores novas no caos.

A turma que não sabe brincar em serviço talvez não entenda muita coisa. Falar em irrelevância pra esse pessoal é um perigo porque eles entendem como cerveja barata, pipa no céu, samba de roda, sabedoria de botequim, papo de bebum, canto de sabiá, ronco de cuíca e por aí em diante. Não que estejam errados, o problema é que a irrelevância é irrelevante pra eles. Pra turma das utopias, da qual o Paulão faz parte, a irrelevância é a glória, a apoteose, o maior patrimônio. Tem que ter a ginga mansa da beira da praia e o passo leve das ruas do subúrbio pra sacar que o valor das coisas tá nos olhos de quem vê. Como dizia o Manoel de Barros: o cu de uma formiga é mais importante do que uma usina nuclear. Quem brinca, canta e dança em serviço, vai se encantar com Voo Livre. É um discaço!

Nas mais raras alturas que esse voo alcança está “Praça da Bandeira”. É de uma beleza profunda, coisa de quem enxerga as miudezas da vida com a lente de aumento da sensibilidade, e assim consegue enriquecê-las de significado. É o acaso, o transe, a fantasia no efeito de colagem produzido pela mistura visceral de letra e melodia. Aliás, esse método de compor é tão próprio quanto interessante. Muitas vezes os versos parecem desconexos, como acontece nas faixas “Cabelo Vermelho Visual Proibido”, “Paga e não Leva” e “Sabiá Luzia”, mas na totalidade, no conjunto da obra, suscitam um significado comum. É como se, juntando todos os ingredientes (melodia, harmonia, arranjo, voz, letra e interpretação), a música fosse ganhando unidade, textura, e finalmente, sentido. Voo Livre, como um todo, tem uma abordagem subjetiva que inaugura um diálogo original com a realidade e abre mão do óbvio, do que está dado. As mensagens são acionadas pela melodia e a melodia é o caminho, o fio condutor das mensagens. A palavra é som e o som é palavra. E em algum momento tudo se mistura num efeito de mosaico pra revelar o essencial: um disco das coisas sentidas.

O sax do Pedro Larrubia em “Rua” é uma prova desse cruzamento de sensações. Um solo que evoca a imagem daquele sol de verão se enfiando no mar de Guaratiba. Quem conhece (o sol e o Larrubia) saca do que se trata. Essa faixa, inclusive, tem um quê desse Rio de Janeiro melancólico, paradisíaco, das cachoeiras e das praias desertas onde os piratas faziam a farra debaixo das barbas dos portugueses. Talvez os piratas de hoje sejamos nós, iludidos, zuretas de tanto depender do GPS, traficando algumas pequenas alegrias pelos caminhos distantes da metrópole.

Esse voo também guarda batucadas da melhor qualidade, como “Filmando o Samba”, bossa de litoral de levada refinada e “Esquina do Pecado”, um samba de calçada, coisa da Zona Norte, que vem pra dizer que ninguém é obrigado a se render ao terrorismo tecnológico dos dias atuais. Um dos versos mais simples e bonitos do disco está aqui: “Nosso tempo se perdeu no ar / Ele é assim / Se ele é feliz/ Deixa ele lá”. É pra cantar levantando o copo.

“Nó na pipa” é mais uma música anti-ansiedade. O chá de erva cidreira, a solidão que faz bem, a vida mansa, a rede esticada na varanda, o olhar na horizontal. Mais uma vez o disco fala sobre os mistérios do tempo e seus infinitos modos de enquadramento. Quem reparar, vai perceber que ela começa do final, como se afirmasse que o tempo é um ciclo, algo que vai e volta sempre. É o som de uma rua de um fim de mundo. “Sabiá Luzia”, embora com muitas diferenças, vai pelo mesmo caminho. Talvez essas duas faixas sejam o contraponto a “Paga e não leva”, a pegada mais urbana do disco.

Pra quem já bebeu umas e outras, “Amigos Reais” é uma música um tanto quanto perigosa. Pode causar crises de consciência a ponto de fazer a pessoa pegar o telefone e ligar pros desafetos dizendo que não tem nada contra eles. É aquele som que arranca o rancor e a angústia do peito e traz um certo conforto pro coração. Talvez a música que mais funcione ao vivo.

De todos os arranjos, o mais gostoso está em “Entre sem Bater”. Zambumba, triângulo e acordeom parecem formar um som de água doce onde tudo vai fluindo no seu próprio ritmo, como se fosse descendo a serra, leve e transparente até desembocar nesse baião com gosto de feira de São Cristóvão numa tarde de domingo. Uma delícia.

Os grandes discos são aqueles que se parecem muito pouco com outros discos. Voo Livre poderia ir atrás da novidade, da substância que contempla o imediato, mas saiu a procura do novo. E isso faz toda a diferença. Trata-se de um trabalho que contém o que há de melhor nas percepções daquele que atravessa a cidade sem ser notado, mas está sempre de olhos e ouvidos abertos para todas as formas de sentir, de perceber e compreender. Paulão é o figurante sensível, poeta discreto, que enxerga muito além da realidade instantânea. Voo Livre é seu relato multidimensional sobre a vida, um disco com o fôlego e a autonomia das obras que se sustentam no ar.